

A CRÍTICA DE BACHELARD À DURAÇÃO BERGSONIANA

Constança Marcondes Cesar

“Si vous le contradisez, il vous répond. Si vous le suivez, il vous donne une impulsion”.

(Bachelard.)

A crítica de Bachelard à duração bergsoniana, exposta em *L’Intuition de L’Instant* e *La Dialectique de La Durée*, inspirou-se no texto de Gaston Roupnel, *Siloe*.

Discutindo os dois pontos fundamentais da teoria bergsoniana da duração, isto é:

a) a duração entendida como dado imediato da consciência;
 b) a duração como único tempo real — Bachelard contrapõe Roupnel a Bergson. A teoria roupneliana afirma que:

a) a realidade do tempo se reduz ao instante;
 b) o instante presente constitui o domínio da realidade temporal experimentada pelo homem, porque apenas no **presente** o homem toma consciência de si;

c) o tempo é constituído por instantes pontuais e é descontínuo.

A filosofia bergsoniana é uma **filosofia da duração**; a de Roupnel, **filosofia do instante**.

Após uma tentativa de conciliação entre as duas teorias, Bachelard decide-se por Roupnel, encontrando nas teorias de Enstein, Pierre Janet, Planck, Dupréel, Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1), subsídios para elaboração de uma teoria de tempo relacional e objetiva, na qual “la durée est,

(1) Filósofo brasileiro, autor do texto **A Ritmanálise**, amplamente citado por Bachelard.

non pas une donnée, mais une oeuvre" (2). Os temas centrais da concepção definitiva abrangem a descontinuidade do tempo, a noção de repouso e a noção de ritmo. A lei de alternância entre atividade e movimento, inscrita no homem e no cosmos, delineada nas obras a respeito do tempo, é um tema que vai dominar a obra posterior de Bachelard, principalmente os textos da sua Poética.

Iniciaremos a exposição do problema apresentando a teoria bergsoniana da duração, abrangendo os aspectos supracitados da teoria e seguindo, a partir daí, a evolução do assunto em Bachelard.

Para Bergson, a duração é **um dado imediato da consciência**, isto é:

a) temos uma experiência direta e intuitiva da duração;

b) a duração é um puro fluxo, continuidade vital;

c) a apreensão da duração pela inteligência é impossível, porque a inteligência tem por objeto o fixo, o imóvel, desconhecendo a realidade do tempo;

d) o instante não é um elemento próprio da duração, mas apenas uma secção da duração, feita pela inteligência, com a finalidade de apreender o tempo. O tempo que a inteligência descobre não é, pois, a própria duração, mas o instante que não é o tempo real, mas uma ficção da inteligência.

A duração é o único tempo real.

Segundo Bachelard, a concepção bergsoniana da duração nega a realidade do instante e dos conceitos de anterioridade e posterioridade. Inspirando-se em Roupnel, a crítica bachelardiana afirma:

a) a **realidade do instante** porque, negando-se realidade ao instante, é difícil falar do **início** de um ato, no tempo (teoria de Roupnel, dos "começos"). Por outro lado, pergunta: como é possível considerar o problema das mutações sem atribuir realidade ao instante? (3). O conhecimento do instante criador depende de nossa consciência; logo, o instante tem validade também para a consciência. E, mais ainda: "l'esprit, dans son oeuvre de connaissance, se présente comme uns file d'instantants nettement séparés" (4).

Estamos, pois, diante de uma posição inversa à de Bergson: a continuidade entre os atos de conhecimento da consciência, a noção de duração, são absolutamente artificiais; o tempo real é um pontilhado de instantes. Embora esta concepção não prove de modo absoluto a necessidade de negar a duração,

(2) Gaston Bachelard, *La Dialectique de la Durée*, P.U.F., Paris, 1963, pág. 77.

(3) "... toute évolution (...) est ponctuée par des instants créateurs", Bachelard, *L'Intuition de L'Instant*, Éd. Gonthier, França, 1971, p.18.

(4) Id., pág. 19.

evidencia, ao menos, a necessidade de considerar, ao lado da duração, o **instante** como real.

b) **A duração não é um dado imediato da consciência**: porque pode ser constituída por instantes sem duração, "comme la droite est faite de points sans dimension" (5). A duração tem um caráter mediato e indireto, de valor psicológico e não ontológico ou epistemológico: a continuidade temporal é uma criação do nosso espírito. Por outro lado, a existência humana atinge a sua plenitude e densidade no instante presente; inversamente a Bergson, para quem o passado é o tempo real, a teoria bachelardiana mostra que a consciência do presente é que ilumina o passado e o futuro

Ao lado destes temas fundamentais, outras diferenças entre Bergson e Roupnel foram percebidas:

a) **ato e ação**: "la philosophie bergsonienne est une philosophie de l'action; la philosophie roupnelienne est une philosophie de l'acte" (6). A ação supõe continuidade temporal; o ato é instantâneo, pontual, fundado na consciência clara e na vontade do sujeito enquanto sujeito cognoscente, propriamente humano;

b) **a evolução**: para Bergson, a evolução é contínua, manifestação do **élan** vital na duração; para Roupnel, a evolução é pontual, marcada pela ruptura entre os instantes, onde cada instante aparece ligado a um acontecimento, um evento, um fato;

c) Bergson pretende distinguir entre tempo e eventos mentais; o puro tempo, considerado independentemente da consciência, é, para ele, a própria duração; para Roupnel, o tempo é essencialmente o tempo com eventos pontuais, o tempo **pensado**; depende da consciência que temos dele e a duração pura bergsoniana é um em-si inatingível.

Numa primeira etapa da evolução de sua teoria do tempo, Bachelard tentou conciliar as concepções bergsoniana e roupneliana, considerando o **instante** como um átomo temporal, com certa duração, e os **eventos**, cada um comportando uma história própria: a de sua evolução, situação temporal. Os átomos temporais seriam independentes uns dos outros, uma vez que cada um implica uma novidade absoluta em relação ao outro, um começo, uma entidade. Estes átomos temporais, os instantes, estariam intimamente ligados às ações; o tempo é plural, abrange durações distintas, instantes individuais.

(5) Id., pág. 20.

(6) Id., pág. 21.

Esta tentativa de conciliação apresentou, no entanto, dois problemas: **aceitava**, sem discutir, duração como sinônimo de tempo; **a duração bergsoniana** é apenas um postulado da teoria de tempo de Bergson, não uma verdade provada. Ora, várias objeções podem ser feitas à duração bergsoniana:

a) **a crítica einsteniana da duração objetiva**: destrói o absoluto da duração e o substitui pelo absoluto do **instante**: um ponto do espaço-tempo; afirma a relatividade da duração do tempo, que depende do método de medição e dos sistemas a que este tempo se refere. Relativizando a noção de simultaneidade, impede a garantia de convergência entre as durações individuais; a duração não é, pois, um dado imediato da consciência, com validade universal;

b) **não percebemos a duração como fluxo**, como queria Bergson; percebemos apenas instantes, que a nossa consciência solidariza (7). Isto vale não apenas para os fenômenos objetivos, mas também para os fenômenos subjetivos da memória: nossa memória mantém apenas imagens, eventos pontuais: "la mémoire, gardienne du temps, ne garde que l'instant; elle ne conserve rien, absolument rien, de notre sensation compliquée et factice qu'est la durée" (8). O dado imediato de nossa consciência é o instante, não a duração;

c) **a psicologia da vontade e da atenção** põe em evidência o fato de nossa vontade estar concentrada no ato instantâneo e a atenção é **validada** pela intensidade de sua ocorrência em cada instante; **pode ser retomada** e isto comporta uma ruptura na duração, a emergência de uma série de começos instantâneos; **é fixada pela novidade**, quando se volta para o mundo externo; ora, o acontecimento novo é instantâneo, implica um momento inicial em que se propõe à consciência; **supõe um cogito que não dura**, mas que é evidente a si mesmo num instante, num momento pontual, quando se volta para o mundo interior. A análise da vontade, feita por Bachelard, sugerida pela leitura de Pierre Janet, mostra uma separação entre a volição que dá origem ao ato humano e a volição que dá continuidade ao mesmo ato. A duração das nossas ações supõe, da parte do sujeito, um esforço nesta direção; nosso pensamento, apreendendo os atos da vontade, permite-nos distinguir entre o ato inicial, instantâneo, evento que ocorre numa unidade temporal, e os atos secundários, dele resultantes. A duração tem pois, um "caractère de conduite (...) caractère d'oeuvre" (9). Pierre Janet, como Roupnel, insiste na psicologia dos **começos** e sua importância para a compreensão do tempo. Estudando a psicologia dos primitivos e certos

(7) "Nous refusons cette extrapolation métaphysique qui affirme un **continu en soi**, alors que nous ne sommes toujours qu'en face du discontinu de notre expérience", id., pág. 42.

(8) Id., pág. 35.

(9) Gaston Bachelard, *La Dialectique de la Durée*, P.U.F., Paris, 1 963, pág. 40.

tipos de neurose, evidencia que a concepção de duração contínua é muito mais um resultado da atividade compreensiva da razão que uma característica do tempo real. A própria existência de mudança temporal implica postularmos uma descontinuidade. Quando mudamos de objetivos, ocorre uma ruptura no encadeamento causal das nossas ações; nossa memória, quando recordamos, está fixada nos instantes de nossa lembrança. O estudo das doenças da memória esclarece o fato de que nossa reflexão constrói um tempo em torno dos eventos (10);

d) a **noção de causalidade** implica descontinuidade entre dois fenômenos. Esta descontinuidade, Bachelard a verifica ao nível da causalidade física e da causalidade psíquica: nossa experiência mostra os fenômenos como sucessivos descontínuos (11). Cada evento está fechado em si, isolado dos demais; é reunido a outro apenas pelo julgamento de experiência que é a **posteriori**, sintético. Os eventos são periódicos e o tempo contínuo depende de uma construção da consciência, que os organiza. Por outro lado, a continuidade dos atos de vontade individuais, depende, como dissemos acima, de um esforço do sujeito do qual eles partem; é uma decisão que provoca nossa atividade; os aspectos físicos e fisiológicos da ação apenas decorrem desta causalidade inteligente. Neste nível, a descontinuidade se verifica: nas **hesitações** que precedem as escolhas, a opção; na **volição** que se caracteriza como instantânea; na **decisão**, que comporta **instantes** decisivos;

e) a **teoria da consolidação temporal**: comparando a sua tese com a de Dupréel, **Théorie de la Consolidation**, publicada em Bruxelas, 1931, Bachelard demonstra a diferença entre o tempo habitual, não utilizado e o tempo consolidado numa duração. Para tanto, afirma que o tempo pensado é fonte do tempo vivido; de forma análoga ao progresso do conhecimento, que se faz por retificações, retificamos a nossa vida, organizando o tempo vivido. É a busca de uma coerência entre os eventos, por parte do sujeito, que constitui a tessitura da realidade temporal. A duração é o tempo consolidado, ordenado pelo homem e tem um caráter **metafórico**. Contrariamente a Bergson, que encara a duração contínua como uma melodia, Bachelard mostra, analisando os sons musicais, que a duração é conseqüência de uma intensidade sonora e não um dado imediato (12);

(10) "Toute prise de mémoire est solidaire d'une schématisation qui, en datant les événements, les isole (...) Cette schématisation est comme un canevas rationnel, comme un plan de développement pour la narration de notre passé. Ce plan croit lier les faits; en réalité, il les sépare..." id., pág. 48.

(11) Esta hipótese é confirmada, segundo Bachelard, pela microfísica e teoria dos "quanta".

(12) "L'existence de ce complexe de l'intensité et de la durée prouve, pour le moins, que la durée n'est pas une qualité vraiment première des éléments musicaux", id., pág. 120.

f) a **duração bergsoniana** tem um caráter substancial (13) (14).

É uma filosofia do cheio, da plenitude; o nada, o vazio, o repouso, nela não tem lugar. O instante bergsoniano é o ato que se prolonga na dupla direção de passado e futuro; o instante bachelardiano pode ser considerado na ação ou repouso (15);

g) Bachelard nega que Bergson tenha dado um lugar correto à inibição, coerção e negativismo psicológico (16): existe uma espécie de repouso das faculdades psicológicas, que supõe a necessidade da existência de uma interrupção, na duração entendida como contínua.

Pesando estas objeções a Bergson, Bachelard elabora a sua teoria de tempo, decidindo-se em favor das teses de Rounpel. A concepção bachelardiana definitiva afirma que o tempo é descontínuo, composto de instantes pontuais sem duração, e que existe uma relação essencial entre os pontos do espaço-tempo e o caráter atômico dos eventos mentais (17). É a pluralidade de instantes de nossa vida que nos dá a impressão de continuidade íntima. O tempo real, existente, reduz-se ao tempo percebido no instante **presente**, pela consciência. O passado nada mais é que a perspectiva dos instantes desaparecidos, o futuro, a perspectiva dos instantes da espera (18).

Contra o realismo da substância, Bachelard afirma a unidade do ser na volição orientada pelo pensamento. É a nossa consciência que dura, mantendo a unidade de nosso ser através da descontinuidade (19). Cada homem é o resultado de um ritmo vital, trama da duração elaborada pela consciência. A nossa liberdade na escolha deste ritmo explica a pluralidade de durações, a orientação dos instantes em direções diferentes. Esta escolha implica que

(13) "Le temps est vivant et la vie est temporelle", id., pág. 2.

(14) Para Bergson, existe um tempo tal que há "...une solidarité entre le passé et l'avenir, une viscosité de la durée, qui fait que le passé reste la substance du présent, ou, autrement dit, que l'instant présent n'est jamais que le phénomène du passé", id., pág. 2.

(15) "... la thèse défédue par M. Bergson dans **L'Évolution Créatrice** revient à dire qu'il n'y a pas d'actions vraiment négatives", id., pág. 9.

(16) cf. **La Dialectique de la Durée**, pág. 8.

(17) "... la durée n'est qu'un nombre dont l'unité est l'instant", L'Intuition de L'Instant, pág. 38.

(18) Id., pág. 48. "... le présent ne passe pas, car on ne quitte un instant que pour en retrouver un autre, la conscience est conscience de l'instant et la conscience de l'instant est conscience" (id., pág. 49). "... nous construisons dans le temps comme dans l'espace (...) et comme le passé n'est qu'un souvenir, nous affirmerons que passé et avenir ne sont au fond que des habitudes" (id., pág. 51).

(19) "La vie porte alors notre image de miroirs en miroirs; nous sommes ainsi des reflets et notre courage est fait du souvenir de notre decision (...) c'est la pensée qui mène l'être. C'est par la pensée obscure ou claire, par ce qui a été compris et surtout par ce qui a été voulu, dans l'unité et l'innocence de l'acte, que les êtres se transmettent leur héritage" (id., pág. 71).

tentemos copiar a nós mesmos a cada instante que passa; esta tentativa constitui o fundamento do **hábito**, que enfeixa o atomismo do tempo atribuindo-lhe um sentido (20).

Como não há identidade absoluta entre os instantes passados e o instante presente que os retoma, a idéia de hábito em Bachelard, indica um progresso da consciência que, afirmando a vida, não apenas repete o instante passado, mas renasce. Cada instante traz consigo uma carga de novidade que o torna irredutível ao instante anterior; o hábito, que é aspiração à vida, procura de um ritmo vital, levando o homem a copiar a si mesmo, paralelamente o conduz ao progresso e à criação de instantes. A repetição é, antes de mais nada, um retorno às fontes do ser, a emergência numa raiz de realidade a partir da qual se expande a vida (21). A tarefa do homem, consciência no tempo, é o renascimento do ser na interioridade do instante. Esta dependência entre temporalidade e pensamento é formulada, na linguagem, pela alternância dialética do sim e do não; cada decisão cria instantes novos, recomeça a vida (22) (23).

Para Bachelard, o elemento primitivo é o instante; duração, progresso e continuidade são fenômenos temporais derivados. A unidade temporal, constituída pela idéia de progresso, é fundada na busca de qualidades: a amplitude de nosso coração e de nossa razão, que imprime uma dimensão estética à experiência vital.

Um dos elementos essenciais da realidade temporal é, para a teoria bachelardiana, o **repouso**. As zonas de repouso se encontram na interioridade do ser e "la conscience pure nous apparaît comme une puissance d'attente" (24).

Bachelard procurou fundar uma dialética da duração, apontando nela a existência de **lacunas**, contrariamente à tese bergsoniana que apresenta a realidade temporal como contínua. Esta descontinuidade na duração é percebida (contrariamente a Bergson, outra vez), na descontinuidade dos **processos psicológicos** (25).

(20) "... l'habitude est la volonté de **commencer** à se **répéter** soi-même: (id., pág. 79).

(21) "Ce qui persiste, c'est toujours ce qui se **régénère**" (id., pág. 83).

(22) "... ce qui morcelle la pensée, ce n'est pas le maniement des décisions dans le temps", **La Dialectique de la Durée**, pág. 19.

(23) "La conscience du temps est toujours pour nous une conscience de l'utilisation des **instants**, elle est toujours active, jamais passive, bref la conscience de notre durée esta la conscience d'un **progress** de notre être intime, que se progrès soit d'ailleurs effectif ou mimé ou encore simplement rêvé", **L'Intuition de L'Instant**, pág. 88.

(24) **La Dialectique de la Durée**, Avant-Propos, pág. VI.

(25) "... la continuité psychique est, non pas une donnée, mais une oeuvre", id., pág. VIII.

A noção de **ritmo** também é entendida por Bachelard como uma noção temporal primitiva; os fenômenos da duração são construídos com **ritmos** (26), (27). O tempo do ser é, fundamentalmente, uma dialética entre ser e não-ser, um ritmo no qual se alternam os instantes de atividade e repouso. (28). O passado e o futuro são o feixe dos instantes pontuais de nossas ações: não duramos continuamente; mantemos, do nosso tempo psicológico, apenas um grupo de decisões, de eventos pessoais. Da mesma forma que a realidade do tempo objetivo são os instantes, a realidade do tempo subjetivo são os atos feitos ou projetados. A permanência espacial dos objetos não destrói a tese da descontinuidade temporal porque a noção de permanência espacial é simplesmente a ilusão que resulta de um conhecimento pragmático; um conhecimento mais sofisticado do real mostra que a permanência espacial do objeto é, na verdade, a permanência percebida por um sujeito cognoscente, cuja duração, como vimos, é descontínua; por outro lado, o objeto existe enquanto acontecimento, isto é, fenomenologicamente, para um sujeito.

Deste modo, rejeitando Bergson, Bachelard formula a sua teoria de tempo: aceita um pluralismo temporal e não admite uma duração absoluta nem contínua; a impressão de continuidade temporal resulta da superposição de tempos diferentes: "le temps a plusieurs dimensions; le temps a une épaisseur. Il n'apparaît continu que sous une certaine épaisseur, grâce à la superposition de plusieurs temps indépendents" (29) — "la durée est, non pas une donnée, mais une oeuvre" (30).

(26) "Pour durer, il faut donc se confier à des rythmes, c'est-à-dire à des systèmes d'instantes", id., pág. IX.

(27) "Nous voudrions alors développer un essai de bergsonisme, en montrant la nécessité d'arithmétiser la durée bergsonienne pour lui donner plus de fluidité, plus de nombres, plus d'exactitude aussi dans la correspondance que les phénomènes de la pensée présent avec les caractères quantiques du réel", id., pág. 8.

(28) "Le temps est alors continu comme possibilité, comme néant. Il est discontinu comme être", id., pág. 25.

(29) Id., pág. 92.

(30) cf. citação (2).